

**CULTURA ESCOLAR ATRAVÉS DA MEMÓRIA DOS POMERANOS NA
CIDADE DE PELOTAS, RS (1920-1930)**

Cultural studies through the memory of pomeranians in Pelotas, Rio Grande do Sul (1920-1930)

Patrícia Weiduschadt¹
Elomar Tambara²

RESUMO

Este artigo busca analisar a cultura escolar de pomeranos da cidade de Pelotas, RS (1920-1930) através dos processos de memória. No aspecto conceitual da memória entende-se que ela é construída socialmente, demarcada por um grupo e ressignificada no presente, neste caso, especialmente pelas lembranças escolares. Os narradores foram alunos e alunas das escolas étnicas das décadas de 1920-1930. Foram entrevistadas oito pessoas participantes de instituições luteranas e alfabetizadas na língua alemã. A abordagem contemplou o uso da língua nos espaços escolares e no cotidiano, a figura do professor e pastor destas escolas, a religião como ponto central no currículo, as práticas de leitura e escrita, as disciplinas seculares e o aproveitamento escolar. Através dos testemunhos pode-se perceber a formação de uma cultura escolar específica atendendo interesses religiosos e doutrinários por parte das instituições luteranas nestas comunidades, e que possibilitaram efetiva escolarização destes sujeitos.

Palavras-chave: Pomeranos, cultura escolar, memória, luteranismo.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the cultural studies of the Pomeranians in Pelotas, Rio Grande do Sul, (1920-1930) through memory processes. By the memory conceptual aspect one understands it is socially constructed, demarcated by a certain group and reframed in the present, in this case, specially through the memories from school. The narrators were students at ethnic schools in the decades of 1920 and 1930. There have been interviewed eight participants from Lutheran institutions and all German literate. The approach contemplated the use of language within the school boundaries, daily, in addition to the figure of their teacher and of their priest, having religion as a central point in the curriculum, reading and writing practices, secular disciplines and school performance. By the testimonies one may perceive the generation of a specific cultural study complying with religious and doctrinaire concerns from the Lutheran institutions within these communities, which enabled an effective schooling of such individuals.

Keywords: Pomeranians, cultural studies, memory, lutheranism.

O presente artigo pretende discutir a questão da memória e cultura escolar entre comunidades de descendentes pomeranos na região meridional do Rio Grande do Sul, relacionadas a instituições luteranas, em especial, ao Sínodo de Missouri. Busca perceber

¹ Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: prweidus@gmail.com

² Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: tambara@ufpel.tche.br

práticas escolares e educativas de uma cultura específica, através dos testemunhos de alunos e alunas das escolas no início do século XX, cujo processo de escolarização efetivou-se em língua alemã.

Este artigo³ privilegia a análise do currículo das escolas étnicas pomeranas⁴ relacionadas a instituições religiosas luteranas.: o Sínodo de Missouri,⁵ o Sínodo Riograndense⁶ e as comunidades independentes.⁷

Neste artigo são abordadas questões referentes á cultura escolar e a memória de pessoas que estudaram nestas escolas comunitárias a partir de depoimentos orais. É relevante compreender a cultura escolar deste contexto pelos depoentes porque além de desvendar um período escolar que suscita muitas reminiscências e lembranças no grupo, possibilita pesquisar uma característica educacional de um grupo que investiu e se preocupou de forma intensa com a sua educação. Mesmo que este investimento tenha sido incentivado pelas instituições religiosas com objetivos de doutrinar e fortalecer as comunidades em torno das igrejas e escolas, é preciso reconhecer o papel da constituição de uma cultura escolar singular reforçada nas falas e memórias dos depoentes.

Memória e narrativas da pesquisa

Entendendo que a memória não é uma tabula rasa (HALBWACHS, 1990) mas constituída e construída pelas significações relevantes do grupo, e ainda que a memória é social e relacional porque as recordações marcam a lembrança do indivíduo pelo outro, a pesquisa visa compreender as práticas escolares, que envolviam o campo da cultura escolar específica destes sujeitos, bem como as disposições de cunho moral e religioso interiorizadas no grupo. É necessário ter o outro para reforçar ou lembrar as recordações escolares, daí a importância de recordar os colegas, o professor, o cotidiano. Logo:

[...] A idéia que representamos mais facilmente, composta de elementos tão pessoais e particulares quanto o quisermos, é a idéia que os outros fazem de nós: e os acontecimentos de nossa vida que estão sempre mais presentes são também mais gravados na memória dos grupos mais chegados a nós [...]. (HALBWACHS, 1990, p. 49)

³ Este trabalho é um recorte da minha dissertação de mestrado pelo Programa de Pós-graduação em educação da FAE/UFPEL, defendida em 2007.

⁴ Os pomeranos são imigrantes de descendência alemã oriundos da região chamada Pomerânia. É considerado um grupo étnico com características próprias e peculiares, mantendo língua e costumes diferenciados de outros grupos étnicos alemães.

⁵ O Sínodo de Missouri é uma instituição religiosa fundada nos Estados Unidos por imigrantes alemães. Atualmente é chamada de Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). Esta instituição estabeleceu-se nas regiões de Pelotas e São Lourenço do Sul, região meridional do RS, em 1900 e fez parte do meu estudo de mestrado na relação com as escolas pomeranas. Para saber mais ver em Reefehldt (2003), Steyar (1999); Warth (1979).

⁶ O Sínodo Riograndense é uma instituição religiosa de cunho luterano. Esta instituição já havia se estabelecido no Brasil anos antes do Sínodo de Missouri, possuindo algumas comunidades no norte do Estado e possuía um caráter de associação entre igrejas e escolas. Para saber mais, ver em René Gertz, O perigo alemão (1998); Walther Steyer (1999) Os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul: a fundação da IELB e o confronto com o Sínodo Riograndense 1900-19004 e Martin Dreher, Igreja e Germanidade (1984).

⁷ As comunidades independentes é um processo recorrente entre os imigrantes pomeranos. Eles buscaram organizar as suas escolas e igrejas sem nenhum vínculo hierárquico e sinodal. Para saber do movimento do independentismo religioso, ver em Eliseu Teichmann (1996) dissertação de mestrado.

O que irá fazer evocar as lembranças será aquilo que o depoente vivenciou no meio social, ou seja, nas relações com o seu grupo. Como revela Ecléa Bosi (1987) “A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, enfim com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a este indivíduo”. (BOSI, 1987, p. 17)

Daí a necessidade de se entender os depoimentos nesta perspectiva, como se processou a memória escolar dos indivíduos, especialmente a relação da escolarização com a religiosidade.

Esta memória está presente numa cultura escolar específica, que segundo JULIA, 2001 está intimamente relacionada com as práticas realizadas na escola, como os indivíduos representam estas práticas, passando inevitavelmente por apreender uma memória do passado, seja nas fontes impressas, ou nos depoimentos orais. A memória não é isenta de falhas, não representa uma verdade absoluta, ela é construída e relacional através das representações que os sujeitos possuem das suas recordações mais significativas.

Para se entender as práticas e representações da cultura escolar, a categoria conceitual de memória é fundamental, porque é possível discutir uma memória escolar construída pelos sujeitos e pela instituição, esta sendo significativa na vida escolar, de alguma forma sendo selecionada ao ser lembrada. Neste sentido é preciso evidenciar que a memória é uma construção da sociedade.

As memórias que temos do trabalho ao qual nos dedicamos, de nossas reminiscências da infância, da escola em que estudamos, de todas as práticas vividas, enfim, têm uma validade relativa, histórica, já que são construídas socialmente. A sociedade determina em boa medida como devemos desempenhar nossas funções e com que categorias pensá-las, o que vale tanto para o indivíduo quanto para a coletividade (NUNES, 2003, p. 11).

Dentro desta visão, ao se analisar a cultura escolar no contexto pomerano, busca-se evidenciar através das fontes, especialmente através dos depoimentos orais, o que determinou a memória coletiva dessa escolarização. Não se pode esquecer de que esta memória coletiva pode ser apreendida através de um indivíduo que lembra a escola, o tempo de infância. Ele lembra o que lhe ficou de mais significativo, o que pode lhe trazer mais significado é a sua construção como aluno e como parte desta comunidade, por isso, ao mesmo tempo que esta memória é individual, ela é social.

Ao longo da pesquisa os depoentes foram escolhidos ou buscados em sujeitos que tiveram sua vida escolar em escolas religiosas, alfabetizados em língua alemã.⁸

Buscou-se compreender, através dos depoimentos, uma cultura escolar dentro do projeto de educação das instituições luteranas do Sínodo de Missouri, das igrejas livres independentes, e do Sínodo Riograndense. Todos os entrevistados eram agricultores,

⁸ Ao fazer este recorte, o período estudado é anterior a política de nacionalização de ensino do Governo Vargas, em que se proibiu a língua alemã nas escolas, nas igrejas, na imprensa, enfim na vida cultural, religiosa e educativa das comunidades étnicas, a partir do final da década de 1930. Esta política foi um divisor de águas na organização e cultura escolar destas comunidades, por isso, enfatiza-se neste artigo o período anterior, em detrimento das poucas fontes e estudos. Para saber mais sobre a política de nacionalização ver em Schartzmann (1984).

moravam no interior de Pelotas, Canguçu e São Lourenço do Sul. Eles não sabiam falar português na infância, a maioria falava somente em pomerano, apesar de terem contato com a língua alemã através das leituras dos pais, do uso da língua nos cultos ou do contato com vizinhos que falavam a língua alemã oficial.

Assim, seis depoentes pertenciam ao Sínodo de Missouri, dois depoentes estudaram e faziam parte da igreja independente, não participando atualmente desta organização religiosa, porque se filiaram a instituições sinodais, um ao Sínodo de Missouri (IELB) e outro ao Sínodo Riograndense (IECLB). Somente um entrevistado já fazia parte do Sínodo Riograndense e permanece até hoje.

Os depoentes em sua maioria são mulheres, tendo apenas um depoente homem. Este fato não foi proposital, foi devido a ser encontrado mais mulheres idosas do que homens. O depoente homem foi um dos mais jovens, portanto, teve apenas um ano de escolarização na língua alemã, o restante do seu tempo de escolarização foi em português, devido à proibição do uso da língua germânica nas escolas.

O período de escolarização dos depoentes é quase o mesmo, em meados da década de 20 até o fim da década de 30. Nesta época havia um fomento das escolas étnicas religiosas e uma preocupação acentuada com a escolarização das pessoas ligadas à religiosidade.

Apesar de os entrevistados falarem pouco de sua vida escolar, sendo uma das características do povo pomerano, a desconfiança, foi possível desvendar e descobrir a cultura escolar da época e do contexto. Em todas as entrevistas foi estabelecido um contato anterior e muitos dos depoentes já eram conhecidos desde o tempo da infância da pesquisadora. Procurou-se no início da entrevista preparar o depoente para o assunto e conduzir a entrevista para as memórias escolares. Claro, que nem sempre era possível, porque a memória não é linear, ou seja, os fatos relatados foram aqueles que tiveram mais significado na constituição da vida dos sujeitos. Muitas vezes, os depoentes falavam outros assuntos que estavam circunscritos à época da escola. Por isso coloca Lucena (1997):

Lembrar é muito mais uma atividade do presente que um exercício de deslocar para o presente fatos já vividos. Rememorar não é o mesmo que viver novamente o passado, depende da releitura do sujeito que a produz numa sociedade que se diferencia daquela à qual se refere a lembrança. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão a nossa disposição no momento em que desencadeia o fluxo da memória (LUCENA, 1997, p. 224).

O depoimento oral não pretende ser uma verdade absoluta da realidade vivida, mas pretende visualizar quais representações estes sujeitos têm na sua vida a partir das lembranças. Notou-se, portanto, que é relevante entender, que é possível valorizar os depoimentos, mesmo aqueles que não lembram tanto da vida escolar, mas permitem perceber nas entrelinhas e no que estão subentendidos também as práticas escolares. Os depoimentos foram curtos, muitas vezes, entrecortados por outras lembranças. Mas pode-se observar que eram feitos com muita emoção sobre um período da infância em que estes depoentes se constituíram como indivíduos. Todos os depoimentos revelam

a ligação desses sujeitos com a religião atualmente, a importância da leitura nas suas vidas, sendo na maioria leitores de literatura religiosa. Supõe-se que as representações de uma cultura escolar marcaram estes sujeitos. A fim de melhor esclarecer o perfil dos entrevistados, segue abaixo a tabela da relação dos depoentes.

Tabela 1 – Relação dos entrevistados⁹

Nome	Idade	Data de Escolarização	Localidade ¹	Nome do Professor	Instituição Religiosa	Denominação Religiosa Atual
Flora Wendt	80	1934-1938	Santa Coleta Pelotas	Pastor Evald Hirschmann	Sínodo de Missouri	IELB
2- Arnaldo Ramson	79	1935-1939	Solidez-Canguçu	Pastor Erbert	Sínodo de Missouri	IELB
Irene Perleberg	89	1925-1929	Triunfo-Pelotas	Pastor Harbers	Independente	IECLB
Elfrida Lemke	84	1929-1933	Solidez-Canguçu	Professor Wilhelm Lange	Independente	IELB
Hedwig Mueller	90	1924-1926	Santa Coleta Pelotas	Pastor Evald Hirschmann	Sínodo de Missouri	IELB
Alzira Karnopp	80	1935-1939	Nova Gonçalves- São Lourenço do Sul	Professor Liebe	Sínodo Riograndense	IECLB
Alida Mueller	90	1924-1927	Solidez-Canguçu	Professor Emílio Wille	Sínodo de Missouri	IELB
8- Elisa Scheutzel	94	1920-1924	Solidez- Canguçu	Professor Roberto Wille	Sínodo de Missouri	IELB

De acordo com a tabela pode ser reforçado que todos os narradores da sua cultura escolar estudaram em escolas étnicas, eram em sua maioria, provenientes da etnia pomerana, somente Dona Elfrida era renana. As escolas em geral tinham como professor o próprio pastor e mantinham uma organização escolar uniforme, apesar de como se poderá ver na análise, foi possível identificar diferenças na ênfase doutrinária das diferentes instituições luteranas.

Uso da língua na escola e no cotidiano

A cultura escolar pomerana foi analisada delimitando os depoentes como aqueles que ainda tinham estudado em língua alemã clássica, ou seja, antes do período de nacionalização de ensino. Optou-se por esta delimitação, porque se considerou que a língua alemã foi um determinante no projeto da imigração alemã, no que tange à

⁹ Cabe destacar que as entrevistas foram realizadas em 2007.

alfabetização. Isto quer dizer que a literatura impressa, religiosa ou não, era em língua alemã, diferente dos outros idiomas¹⁰ utilizados pelos imigrantes.

Nesse sentido, percebeu-se que estes sujeitos falavam determinada língua na sua vida cotidiana, no seu trabalho, no ambiente familiar. Era a primeira forma de comunicação. Em seguida precisavam aprender uma língua diferente na escola e na igreja que era o alemão, o chamado o “Hoch Deutsch”, quer dizer o alto alemão, o alemão que possuía gramática, escrita e leitura. E também seria necessário aprender algumas noções de português, especialmente utilizadas nas relações econômicas e de trabalho.

Em relação ao pomerano a diferença era ainda maior. Ele é bem distante do alemão chamado clássico, apresentando uma diferenciação de pronúncia, oralidade e das formas gramaticais. Ainda é preciso ressaltar que muitas línguas consideradas dialetos alemães, utilizados pelos imigrantes, não eram usados em língua escrita, tendo desaparecido por muitos séculos na Europa o pomerano na forma escrita.¹¹

Parece contraditório, mas os pomeranos, muitas vezes, usavam a língua alemã para se alfabetizar, legitimando-a nas relações escolares e religiosas, mas mantinham uma resistência no uso desta língua nas relações domésticas. Segundo um dos depoimentos é visível a separação do uso da língua em determinados lugares. Ao perguntar para uma das depoentes se eles falavam alemão em casa, ela menciona:

Sim, e pomerano também. Na venda do meu pai, quando eu trabalhava lá ai gente ganhava xingada se falasse em alemão legítimo. Chegou um pomerano e nos xingava, aquele que falava Hoch Deutsch. Depois da xingada mamãe ficou quieta. Eu perguntei para mamãe. Por que ele está me xingando? Ela disse: Não dá importância. A gente ficou com muita raiva dele. Ele pensava que a gente queria ser mais falando o Hoch Deutsch. Alguns colegas não falavam alemão em casa. Na minha casa era normal falar o Deutsch, os meus colegas tinham que aprender no colégio a ler e a falar o alto alemão (Depoimento Irene Perleberg).

Fica evidente a separação do uso da língua, principalmente entre famílias pomeranas. A depoente coloca que na sua casa era falado alemão legítimo, porque a sua família tinha influência de outras etnias, diferente da pomerana. Então acontecia este choque cultural por meio do uso da língua no grupo. É possível deduzir que no comércio, “na venda” sendo a família da depoente formada por comerciantes, era preciso respeitar a condição da maioria do grupo. Para ela, como aluna, provavelmente era mais fácil a escola, pela própria vivência familiar, mas ela aponta as dificuldades de muitos colegas no aprendizado.

É nítida a separação do uso da língua e, sobretudo a utilidade delas. O papel da escola era instruir na língua alemã, já que a religiosidade passaria pelo seu uso. Assim, a utilização de formas lingüísticas é perpassado por discursos que precisam ser legitimados, neste caso, a educação escolar e religiosa contribuiu muito para esta legitimidade.

¹⁰ Segundo recente estudo do lingüista Ismael Tressmann o pomerano é considerado língua e diferencia-se bastante da raiz alemã, aproximando-se mais do baixo saxão. No entanto, como o pomerano possui uma cultura silenciada (THUM, 2009), a referência na cultura alemã foi buscada, muitas vezes imposta pela escola e igreja.

¹¹ Segundo estudos de Giancarla Salamoni (1996) o pomerano mantinha a língua escrita até o século XV.

Eu fui aprendendo alemão com o professor, ele explicava em alemão e sempre vai indo. Por causa da leitura, não havia livros em pomerano, era tudo em alemão. O pastor também falava. Eu aprendi todo o alfabeto (recitou o alfabeto em alemão-risos). Eles podiam demorar para aprender, mas depois pegavam (Depoimento Irene Perleberg).

O uso da língua era ensinado de forma gradual e as crianças precisavam aprender. A língua alemã não era fora do contexto das crianças. Elas ouviam a língua nos cultos, alguns vizinhos falavam, alguém da família lia. A língua escrita era muito usada e visualizada pelas crianças antes mesmo da vida escolar. Claro, havia muita dificuldade na aprendizagem, de acordo com os relatos pode-se observar que era aprendido aos poucos, iam olhando, tentando entender os símbolos de uma leitura mecânica, e, depois, iam a incorporando na aprendizagem. É notável que muitos professores precisavam forçar a leitura em alemão, pois muitos deles não sabiam comunicar-se em pomerano (Depoimento Flora Wendt).

No contexto dessas comunidades há uma alternância do uso da língua pomerana e alemã. Todos aprendiam a língua alemã na escola. Mas alguns eram pomeranos e tinham contatos com a língua alemã antes da escolarização. O contato com a língua alemã podia ser através dos vizinhos.

Nós não falávamos em alemão, assim pomerano [...]. Eu tinha alguma noção do alemão naquele tempo do colégio, eu tinha vizinhos e amigos que falavam em alemão, então a gente já sabia um pouco de alemão. Aí no colégio não era difícil. ‘Eu sabe tudo em alemão, falo tudo mas brasileiro eu não posso’ (Depoimento Alzira Karnopp).

É interessante notar que a diversidade e alteridade do uso das línguas eram diversificadas. Infere-se que as crianças não chegavam à escola despreparadas em relação à língua alemã. Nesta região não havia somente pomeranos, mas também pessoas de outras etnias germânicas que acabavam se comunicando. Mas o estudo aponta que a língua alemã, sem dúvida, fortaleceu-se através da escola e da igreja. Provavelmente os pais dos depoentes haviam sido educados em escolas étnicas. Neste espaço era legítima a aprendizagem da leitura para religião. Nos depoimentos fica constatado que o pomerano é usado nas relações domésticas e familiares. Às vezes, a situação se inverte, um exemplo disso é o de um depoente que falava o alemão e depois aprendeu pomerano com os amigos e vizinhos.

Eu aprendi a falar pomerano com colegas e vizinhos. Mas só na hora do recreio que a gente falava, no caminho para a escola. Na escola o primeiro professor não falava nada em pomerano, aí os meus colegas tinham mais dificuldade, mas eu os ajudava, e depois eles me ensinavam pomerano (Depoimento Elfrida Lemke).

Há uma efetiva troca entre o grupo no aprendizado escolar e não escolar das línguas, as duas – pomerano e alemão – são consideradas legítimas. Entretanto, a língua portuguesa não era utilizada em nenhuma esfera pelos depoentes na época da escolarização.

A figura do professor e pastor nas comunidades

Nos depoimentos é ressaltada a conduta do pastor e professor na comunidade. Ele não era somente um guia espiritual, mas deveria servir de exemplo na sua profissão. A sua família também é lembrada nos depoimentos, muitas vezes os seus filhos eram colegas dos depoentes, os quais relatam que a rigidez e a cobrança da moral com os filhos dos professores e pastores por parte desses educadores e religiosos era maior do que com os demais alunos (Depoimento Flora Wendt e Hedwig Mueller).

É percebido pelos relatos que o professor era quase sempre muito rígido, tanto no ensino, quanto no cotidiano social da comunidade. Nos depoimentos muitas vezes é mencionada a disciplina e a rigidez do professor com os alunos. A maioria dos professores utilizava castigos físicos nas aulas para punir o não aprendizado e o mau comportamento dos alunos. Era aceitável para a comunidade o professor utilizar as punições físicas para educar os alunos, da mesma forma que os pais também o faziam na educação de seus filhos.

O pastor que era o professor era muito, muito bravo. Ele castigava as crianças e deixava as marcas de tanto laço que dava. O dia que ele entrava com o casaco branco, com os beijos meio caído, nem sei... (Depoimento Arnold Ramson).

Sim, sim, eles eram muito rígidos. Esses alemães eram furiosos, batiam de vara de marmelo as vezes chicoteavam... (Depoimento Irene Perleberg).

O professor era bem duro, mas não batia muito. Uma vez eu levei uma batida de um livro na cabeça por não saber a letra certa, fiquei envergonhada. Não se podia conversar em aula, já era repreendido. (Depoimento Elfrida Lemke).

O pastor Hirschmann brigava por quase tudo, quando a gente cochichava, ele já ficava bravo e batia com a vara. (Depoimento Flora Wendt).

Quando ele olhava por cima dos óculos e branqueava os olhos a gente já sabia que ele estava furioso, os pequenos tinham que se cuidar. (Depoimento Hedwig Mueller).

É possível perceber como a rigidez e os castigos físicos estão presentes na memória dos depoentes. Às vezes estes castigos eram físicos, mas também podiam ser de ordem verbal e moral, ao condenar o erro de um aluno ou o seu não aprendizado. Parece evidente que a educação precisava estar centrada na disciplina, como uma extensão da educação da família. Se houvesse reclamações das crianças aos pais a família iria defender o professor (Depoimento Flora Wendt).

Nesse sentido, os relatos acima reforçam o papel do professor, que, em muitos casos, era ao mesmo tempo pastor, como um formador da personalidade das crianças e buscava controlá-las no ensino e no cotidiano. Os depoentes defendem até hoje os castigos corporais, não recriminando os pastores ou professores.

Quando meus colegas não faziam o que o professor queria, eram castigados com a vara e deixava as crianças sem Fruestueck. Naquele tempo não era assim, se não fazia o que ele mandava ele apertava, e tem que ser assim. Agora, as crianças não se endireitam mais na escola (Depoimento Alida Mueller).

Num dos relatos, a depoente parece agradecer pela rigidez.

Eu me lembro numa festa de Pátria, saímos da escola e tínhamos que marchar e cantar os hinos pátrios em alemão, isto era muito bom, a gente adorava. O pastor Hirschmann tocava violino, e uma vez eu estava com vergonha de cantar e não abria a boca direito para fazer a técnica de canto, aí ele colocou a vara do violino dentro da minha boca. Eu nunca mais esqueci a forma de cantar, mas eu adoro cantar até hoje, não tenho vergonha, cantei até pouco tempo no coral da igreja (Depoimento D. Flora Wendt).

Esta relação com a disciplina e conduta enfrentada na escola continuou presente nas vidas das pessoas. Os depoimentos mostram que a rigidez produziu um efeito positivo, a aprendizagem do canto. Nestas recordações os sujeitos enxergam seus valores de educação. É possível visualizar a cultura escolar produzida neles e por eles.

Currículo das escolas pomeranas.

Nos depoimentos não há uma linearidade na memória em relação ao que era ensinado na escola, os entrevistados iam-se lembrando na medida em que iam se recordando das práticas escolares. Estas práticas constavam das amizades, das relações com os colegas, e assim ia aparecendo o que era ensinado. Os dados orais foram extremamente relevantes, pois não foram encontrados outras fontes significativas sobre os currículos destas escolas no período.¹²

De acordo com os relatos dos depoentes as aulas aconteciam todos os dias pela manhã, e eram complementados na tarde com ensino confirmatório¹³. Nos relatos aparece claramente que no início da aula era feita uma oração e, logo em seguida, continuavam ouvindo histórias bíblicas, que eram contos da Bíblia em forma de história ilustrada ou aprendiam os hinos religiosos. Através da religiosidade as práticas de leitura eram enfatizadas na aprendizagem dos alunos. Esta metodologia aparece em quase todos os relatos e seguiu até depois da nacionalização. Mas os conhecimentos clássicos também eram valorizados e transmitidos aos alunos.

As aulas eram... Não tinha boletim, não tinha por exemplo provas, nada, nada. O que a gente aprendia, se lia, se escrevia era ditado, gramática, ciências, geografia, matemática, tudo o que pertence naquele tempo para terminar a quinta série, nada de boletim, nada de prova, por exemplo a gente só entrou em algum estudo científico que não era do curso primário né, mas numa salada de frutas que a gente não tem

¹² Foi possível encontrar cartilhas com os depoentes publicadas pelo dois Sínodos, e as organizações independentes usavam material do Sínodo Riograndense. Entretanto, o Sínodo Riograndense e Sínodo de Missouri mantinham editoras e materiais editado próprio, que apesar de serem parecidos, aparecem diferenças na valorização doutrinária no currículo escolar pelo Sínodo de Missouri. Já o Riograndense, adotava textos e constituição religiosa mais de ordem moral, e não tanto com ênfase nos conteúdos luteranos. (WEIDUSCHADT, 2007).

¹³ O ensino confirmatório é o aprendizado que a criança tem para receber a primeira comunhão. Em comunidades pomeranas também significa a passagem da vida de criança para a vida adulta. Depois de ser confirmado o indivíduo tinha a permissão de namorar.

prova, não se lembrava que a gente estudou, mas a gente ia até aos 14 anos. [...] isto se estudava de tudo entrava nas ciências da terra, na atmosfera, (pausa) Galileu, Galilei, a gente estudava de tudo, e foi bastante, bastante (não achava a palavra) aproveitável (Depoimento Arnoldo Ramson, 76 anos).

Diante do relato percebe-se que os conhecimentos clássicos tinham grande importância para os alunos. O depoente menciona alguns conteúdos e assuntos que ficaram marcantes na memória. Apesar do currículo escolar da época não possuir avaliação formal com boletins e provas, as crianças aprendiam conhecimentos gerais que lhes possibilitavam algumas noções de mundo e da natureza.

Apesar de não haver uma avaliação formal e documental, havia uma avaliação comunitária, reforçando o sentimento de pertença e o engajamento entre escola, igreja e vida social comunitária. Como relata uma das depoentes:

Nós tínhamos provas, mas não boletim, só no final de cada ano, ou etapa, se fazia uma reunião com os pais para eles assistirem uma aula em forma de sabatina. Nós repetíamos nossos conhecimentos de história bíblica, matemática, gramática alemã e outros, assim os pais também revisavam o que tinham aprendido (Depoimento Elfrida Lemke).

Esta prática é interessante porque os pais podiam fiscalizar o ensino dos professores, e ainda valorizar a escola a partir da eficiência da instituição. Chama atenção que o sentimento comunitário era reforçado na escola, onde naquele momento de avaliação era compartilhado por todos. Esta avaliação que integrava escola, igreja e família fazia parte de um vínculo comunitário forte que estes grupos estabeleciam entre si.

A religião no currículo

A religião ocupava o lugar central da escola. Nos relatos os depoentes comentam que as aulas de religião aconteciam todos os dias, como sendo a primeira matéria do dia, usando catecismo, histórias bíblicas e hinos tanto em cancionários como em recitações.

Tinha bastante história bíblica, todos os dias iniciava-se com a história bíblica e com uma oração – aí era meia hora de catecismo e de história bíblica, todas as manhãs, aí nós tínhamos leitura e depois gramática e aritmética, e geografia [...] (Entrevista Arnoldo Ramson)

Observa-se que a religião vinha em primeiro plano. As histórias bíblicas eram histórias resumidas da Bíblia, escritas numa linguagem mais acessível. Muitas destas histórias eram escritas em livros e eram ilustradas. O uso do catecismo também era freqüente, mesmo as crianças tendo as aulas de ensino confirmatório fora do horário de aula, na escola o estudo da doutrina e da religião era muito valorizado. Muitos professores usavam a história bíblica para treinar a leitura.

A primeira aula era sempre religião (uma hora mais ou menos), depois tinha matemática, eu acho, depois as outras disciplinas, iam vindo: português, história. A história bíblica o professor dizia para em casa lermos e depois ele fazia perguntas da história da Bíblia (Depoimento Elfrida Lemke).

Nesse relato é reforçado que o aprendizado da religião vinha em primeiro lugar, mesmo para um pastor da igreja independente.¹⁴ As práticas das escolas étnicas eram similares, porque a religião e a escola eram estreitamente relacionadas. Mas uma depoente que foi educada pelo Sínodo de Missouri comenta que esta prática era acentuada.

Tínhamos muita religião na escola, nós líamos a Bíblia, as vezes tínhamos que copiar algum versículo, ler as histórias bíblicas e depois contar. A gente contava para o professor o que tinha lido. Naquele tempo tinha bastante religião na escola (Depoimento Herdwig Mueller).

Outro relato menciona como o aprendizado da Bíblia era valorizado, porque esta prática permanece nas suas lembranças.

Ele sempre dava muita religião. Ele ensinou muito a Bíblia como ele está dividida em duas partes, tudo em alemão, os profetas da Bíblia, aí eu digo assim (Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel, Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias). Ele ensinou o Marthin Luthers Catecismus, a história de Moisés. Agora ainda tem estudo bíblico em grupo e ainda me lembrava de Abraão, Isaac, eu me lembrava ainda os filhos de Jacó: Rubem, Simeão, Levi, Judá, Aser, Naftali, Josep e Benjamim, assim está logo no início da Bíblia. Isto eu nunca esqueci e foi muita explicação (Entrevista Irene Perleberg).

De fato, o maior tempo era destinado à religião, seja aos estudos da Bíblia, do catecismo, ou, à preocupação em entender as partes da Bíblia. A religião deveria preparar as crianças a serem bons cristãos, mas também inserir um *habitus*¹⁵ desejável nas práticas de conhecimento e manuseio bíblico.

Outra forma de privilegiar a religião no currículo era o uso da música nas aulas. Como se pode observar nas escolas étnicas, especialmente naquelas ligadas ao Missouri o incentivo à música religiosa era muito forte.

Sempre tinha muita aula de religião, a primeira coisa que aprendíamos na aula era as histórias da Bíblia, o catecismo de Martinho Lutero, os cantos luteranos, o professor fazia nós cantar muito, ele ensinava com violino (Depoimento Flora Wendt).

A necessidade de ensinar o canto às crianças e aos jovens era evidente, até como um signo distintivo. As crianças acabavam motivando-se com os cantos religiosos e, assim, participando da igreja.

¹⁴ As igrejas independentes não apresentaram uma uniformidade curricular e nem organizaram material didático próprio, por isso, preferiam o material do Sínodo Riograndense porque este não enfatizava tanto os aspectos doutrinários luteranos, mas sim, a formação das comunidades e da ordem moral religiosa. Além disso, muitos professores não tinham formação teológica e nem pedagógica, mas em alguns casos, as comunidades contaram com profissionais devidamente preparados.

¹⁵ Aqui se utiliza o conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu (1996), como modos de conduta a inculcar nos indivíduos por meio de disposições internas e que se constituí em práticas de todo um grupo social.

Práticas de leitura e escrita

Além de o currículo privilegiar a religião nas escolas comunitárias, em especial nas ligadas ao Sínodo, as práticas de leitura e escrita eram evidentes. Os depoimentos confirmam a necessidade de se aprender a ler, assim como revela o material didático encontrado.

Nós aprendemos a ler e depois começamos a entender (Depoimento D. Flora Wendt).

Era importante ler a Bíblia e o catecismo (Depoimento Arnaldo Ramson).

Eu consigo ainda ler, se eu pego a Bíblia (mostra a Bíblia em gótico). Aqui na igreja Bom Pastor, na cidade, aqui tem nas quartas feiras com o pastor sempre junto estudos em alemão (Depoimento Alzira Karnopp).

Nós tínhamos bastante leitura, era mais leitura e escrita (Depoimento Alida Mueller).

Nesses relatos orais é notada a necessidade da leitura, muitas vezes, como já foi exposto, em detrimento da religião. Os modos de leitura e as práticas de leitura não são universais, elas estão inseridas em determinados contextos e relacionadas a alguns interesses. Nessa perspectiva da leitura, a pesquisa utilizou-se dos estudos de Roger Chartier em que aborda a constituição da leitura nos seus diferentes modos de usar e de apreensão. O autor afirma que a leitura é uma prática cultural e produtora de sentidos.

Assim, é vão tentar identificar a cultura popular a partir da distribuição que se supõe específica de certos objetos ou modelos culturais. Tanto quanto a sua divisão, sempre mais complexa que parece, importa, com efeito, sua apropriação pelos grupos ou indivíduos. [...] Em toda a sociedade, as formas de apropriação dos textos, dos códigos, dos modelos partilhados são tão, se não mais distintas que as práticas próprias a cada grupo social. [...] (CHARTIER, 2003, p. 153).

Nesse sentido, pode-se notar que a leitura de determinado grupo influencia e direciona determinadas práticas que distinguem o grupo. É necessário não entender somente como as práticas de leitura e escrita estavam presentes, mas como o grupo social se apropriou delas. Nos depoimentos percebe-se a maneira que os entrevistados comentaram o uso da leitura. Relataram as dificuldades encontradas em ler uma língua diferente e a maioria comentou ter dificuldades de apreender este conteúdo, mas ainda se utilizar desta prática no cotidiano, através da leitura da Bíblia e de leituras de publicações religiosas: como revistas e jornais.¹⁶

As práticas de leitura eram, em geral, nos livros didáticos, mas também serviam para preparar as crianças a lerem outros periódicos e revistas, de preferência vinculados à igreja. Naquela realidade, poucos poderiam ter acesso a uma literatura mais universal.

Uma das depoentes relata que na sua casa havia muitos livros e seu pai gostava de lê-los. O cuidado e o controle com os livros que seriam lidos também era das famílias.

¹⁶ As igrejas sinodais: IELB e IECLB investiram pesadamente em literatura aos seus fiéis. Buscavam direcionar as revistas de acordo com a faixa etária, ou seja, havia leituras específicas para crianças, jovens, homens e mulheres.

Uma das depoentes afirma que o seu pai possuía uma infinidade de livros, e só deixava os filhos lê-los após ele ter lido. A depoente relata:

Na nossa casa tinha muitos livros, o meu pai assinava o Koseritszeitung e depois o Brazilianpost, quando o Koseritz fechou. O meu pai controlava a nossa leitura. Ele lia um livro e dizia este livro não é bom para o espírito, eu ficava curiosa, mas respeitava a vontade dele em não ler aquele livro (Depoimento de Elfrida Lemke).

Torna-se evidente que em algumas famílias com acesso à cultura escrita esta preocupação na formação dos filhos era acentuada. Mas havia a questão moral do cuidado da escolha da leitura. Era preciso institucionalizar a leitura como sendo benéfica, porém com ressalvas. Assim, havia a leitura no espaço doméstico, em alguns casos desvinculados do conteúdo religioso, mas não totalmente independente e autônoma. Os filhos eram educados numa formação moral e ética que a educação religiosa e escolar contribuiu para a formação do grupo comunitário aqui estudado.

As disciplinas do ensino secular.

Outros conteúdos eram contemplados nas aulas das escolas pomeranas. Apesar de a religião ser destaque em qualidade e quantidade na maioria das escolas étnicas, a escolarização também contemplava outros conhecimentos.

Pela necessidade de trabalho e para ser usada na vida cotidiana a matemática era muito valorizada. A escola também precisava atender às necessidades cotidianas do grupo. O ensino da matemática era difundido, pois, a criança necessitava ter domínio desse conhecimento para poder usar no dia-a-dia. Eles aprendiam as operações elementares. Uma das depoentes relata a facilidade que tem com as contas até hoje:

Na matemática eu aprendi muito bem, eu não preciso máquina para fazer contas. Tinha a tabuada, a tabuada, as contas, tinha outras aquele era mais difícil Brauchrechner (frações), medidas estas coisas (Depoimento Irene Ledeburg,).
A gente aprendia as contas por decomposição e de cabeça, hoje eu me perco... (Depoimento Elfrida Lemke).

Esse conteúdo era apresentado em livros didáticos estudados pela D. Elfrida Lemke. Alguns livros de matemática usados eram produzidos por Rotermund¹⁷, a conhecida “Rechnenschule” e neles apareciam as contas de cálculo metal e os cálculos com problemas de acordo com o cotidiano dos alunos.

Além da matemática como conteúdo significativo, relatos orais e fontes escritas do Sínodo de Missouri, trazem o registro do ensino da história e da geografia, utilizando mapas.

Os estudos de Rambo (1994) e Kreutz (1994) apontam a organização curricular das escolas étnicas religiosas voltadas para o ensino da Realia, ou seja, o conhecimento deveria

¹⁷ Rotermund foi pastor e consolidou importante gráfica de publicação de material didático do Sínodo Riograndense.

passar pela realidade do aluno. Neste sentido, observa-se o uso da matemática como um conteúdo voltado para a vivência dos alunos. Aprendiam os conceitos elementares e práticos da matemática. Alguns depoentes não se lembram da matemática, ou falam de suas dificuldades de aprendizagem.

Tinha matemática, mas não como agora, era diferente, eu não me lembro muito bem. Eu naquele tempo, como vou dizer, ‘eu era meio bura na aula’. Não tinha as outras matérias, só matemática e leitura e escrita em alemão (Depoimento Alzira Karnopp).

Outra depoente relata a diferença do ensino da matemática.

O que eu aprendi no colégio foi mais ler, escrever e matemática, leitura tudo em alemão (alles Deutsch oder alle Dietsch). Não é como agora a matemática que meus netos e bisnetos estão estudando agora (Depoimento Herdwig Mueller).

O que fica subentendido é a mudança do currículo da matemática percebida pela depoente. Provavelmente, na sua época de escolarização aprendiam uma matemática voltada para a realidade, para os cálculos mentais, que as pessoas pudessem utilizar nas situações domésticas e no trabalho.

Além da matemática como conteúdo significativo, relatos orais e fontes escritas do Sínodo de Missouri, trazem o registro do ensino da história e da geografia, utilizando mapas. Pode-se notar uma forma de leitura diferente, na disciplina de história o conteúdo principal estava nos livros e, às vezes, escreviam na lousa. Na geografia a localização daria às crianças noções de espaço em relação ao mundo e à realidade em que viviam.

Na escola nós aprendíamos com os mapas e tínhamos que dizer o lugar certo que o professor apontava (Depoimento Herdwig Mueller).

No início aprendemos mais história. Mas depois veio uns brasileiros e venderam uns mapas. Aí aprendemos geografia (Depoimento Irene Perleberg).

Um dos depoimentos aponta o uso de livros em história e geografia no tempo de escola.

Era em história, eu até hoje me lembro de muitas coisas que eu aprendi, por exemplo, as capitais, os países, eu me lembro da América Latina, os Estados Unidos, a Itália, a França, tudo a gente aprendeu naquele tempo, o professor explicava. A gente aprendia História do Brasil, Ciências, tinha um livro de leitura assim chamado ‘Ordem e Progresso’ [...] (Depoimento Arnaldo Ramson).

Este depoimento mostra uma diferença dos demais, por ser de um dos depoentes mais jovens da pesquisa, ele estudou na época da nacionalização do ensino, portanto as suas recordações nas disciplinas de história e geografia estão mais presentes, especialmente em relação ao ensino da história. Os demais depoimentos não revelam o ensino da história. Parecem não recordar das disciplinas de história e de ciências. Não conseguem explicitar com clareza o que se estudava e como se dava a prática dessas disciplinas na escola. A

única disciplina mais concreta é a geografia em que são lembrados os mapas, talvez por serem conhecimentos mais utilizados posteriormente na vida cotidiana ou, ainda, por serem aprendidos na escola com o recurso visual dos mapas.

O aproveitamento escolar

Diante do que foi exposto, nas entrevistas aparecem relatos das dificuldades em aprender os conteúdos. Mesmo os depoentes não tendo dificuldades na aprendizagem escolar, ou não querendo admitir tais dificuldades, sempre se lembram de colegas que não correspondiam ao ensino ministrado.

Tinha um colega que tinha muita dificuldade. Eu muitas vezes tentei ensinar, mas não adiantava, eu acho que o professor assustava ele muito, ele se trancava (Depoimento Arnaldo Ramson).

Muitos não queriam aprender, tinha um gurizinho que não se interessava. Ele ia comigo na aula, não queria aprender, não tinha vontade, a mãe dele disse ‘Ah du bist gell so Schlau’ (Tu és tão inteligente) e o nosso não quer ir, não tem vontade (Depoimento Irene Perleberg).

Infere-se, assim, que muitas crianças passaram por fracassos escolares. Não conseguiram adaptar-se à escola. Seja pela maneira de o professor conduzir o ensino, seja pela forma de organização escolar, ou, ainda, pela dedicação às atividades domésticas da casa. Não conseguiram continuar indo à escola. Os entrevistados que tinham facilidade na escola, sempre recordavam de um colega ou vizinho que não se saía tão bem. Mas alguns depoentes relatavam que não eram alunos excelentes, tinham muitas dificuldades de aprendizagem.

Eu lia muito mal, tinha muita dificuldade de aprender, quando não sabia apanhava (Depoimento Flora Wendt).

Na escola uns eram “meio burros”, até eu (risos) a gente tem que falar o que é. Mas ainda leio a Bíblia, mas no início aquela escrita era tão difícil para mim aprender (Depoimento Alzira Karnopp).

Uma vez eu fugi da escola, tinha que atravessar uma ponte, aí eu me escondi, não gostava muito da escola, eu não era a melhor aluna (Depoimento Herdwig Mueller).

Apesar das dificuldades de aprendizagem acima expostas, esses depoentes ainda lêem a Bíblia e as revistas religiosas. Possuem um *habitus* de leitura imbuído de religiosidade. Apesar da pouca aprendizagem muitas vezes relatada por eles, são escolarizados, podendo-se supor que a escola conseguiu atingir seus objetivos naqueles alunos que não eram tidos como os mais inteligentes. Muitas vezes, a aprendizagem era dificultada pela relação do professor ou pelo pouco estímulo em conseguir aprender. Não deveria ser fácil aprender uma língua escrita tão diferente da realidade dos depoentes.

Entretanto, a escrita alemã e os demais conteúdos aprendidos na escola faziam parte da realidade vivida pelos depoentes, talvez, por isso, as vivências escolares continuaram a ser significativas ainda atualmente.

Considerações Finais

Ao se analisar a educação pomerana, compreende-se que, ao se pesquisar a formação identitária desta etnia, foi necessário entender as práticas escolares e a cultura escolar dessas comunidades. A abordagem da cultura escolar teve um aporte significativo nos depoimentos orais dos alunos. A partir das lembranças e das recordações compartilhadas numa memória social dos depoentes encontraram-se alguns aspectos do cotidiano da escola pomerana. A organização escolar já estava estruturada no contexto pomerano através das igrejas independentes, mas foi legitimada como um diferencial pelas instituições religiosas, ou seja, o incremento do conhecimento doutrinário e do aprofundamento das leituras em literatura religiosa.

O ensino da escola se dava na língua alemã, a fim de poder ser utilizada na leitura da literatura da igreja e nos ritos religiosos. Os alunos se comunicavam no dialeto pomerano, mas as aulas eram dadas no alemão clássico. Identifica-se diferentes usos para as duas linguagens: o pomerano usado no ambiente familiar e social e o alemão usado na escola e na igreja. Nesse sentido, a língua, tanto o pomerano como o alemão, deram um sentido de pertencimento desta etnia.

As escolas eram multisseriadas, apresentando turmas mistas e serviam para preparar as crianças na fé cristã, para serem membros atuantes da igreja e ao mesmo tempo, cidadãos ordeiros e pacíficos.

A figura do professor foi fundamental no sucesso das escolas pomeranas, especialmente daquelas pertencente a instituições sinodais. Deveriam ser formados e possuir uma conduta moral exemplar. Usavam-se métodos rígidos com castigos corporais, legitimados na comunidade. Os professores eram na maioria pastores, mas quando não possuíam formação teológica faziam muitas vezes o trabalho religioso, auxiliando o pastor. Do mesmo modo, concluí-se que as escolas pertencentes ao Sínodo moldaram uma identidade escolar na busca de uma qualificação dos professores. As comunidades independentes começaram a sentir a concorrência do Sínodo por ter pessoal qualificado. Percebe-se esse fato nos depoentes da pesquisa que tiveram a sua escolarização nas igrejas independentes, tiveram professores qualificados com uma conduta moral aceitável. Mas, estes professores não permaneciam muito tempo nas comunidades, a rotatividade era maior que a do Sínodo, dificultando o trabalho das escolas, por faltar continuidade. Alguns dos depoentes, segundo seus relatos, não se mantiveram nas comunidades independentes. Buscaram o trabalho do Sínodo, que mantinha uma organização hierarquizada e organizada na distribuição de seus professores.

Em relação ao currículo das escolas pomeranas, a religião ocupava um papel central no cotidiano escolar. Em especial, na instituição do Sínodo de Missouri constatou-se investimento maior no conhecimento religioso através das leituras do ensino de histórias bíblicas, do ensino da música, que era usada em diferentes momentos da comunidade. A escola possuía um elo forte nas atividades da igreja. Os alunos apresentavam-se nas festas das comunidades, nos sepultamentos e nas festas de Natal. Ainda, a vida escolar servia de preparação para rito da confirmação, no período da escola, os alunos aprendiam as

noções básicas do Catecismo, que depois seriam aprofundadas no ensino confirmatório. Ainda as práticas de escrita e leitura eram enfatizadas na escola, com intuito de fortalecer a doutrina religiosa. Em função do aprendizado da leitura era possível ler a Bíblia, o Catecismo, as revistas e a literatura do Sínodo de Missouri que circulavam na realidade pomerana. Mesmo a ênfase sendo na religião, a escola pomerana não descuidava dos conhecimentos seculares. Nesse sentido, a organização do Missouri, ao apresentar um diferencial, não poderia esquecer-se dos conhecimentos básicos para obter uma escola qualificada.

Ao entender alguns aspectos da cultura escolar, é possível notar no currículo a presença de práticas religiosas e de leitura específicas usadas nas escolas orientadas pelos Sínodos e igrejas independentes.

A partir do fortalecimento da língua alemã nas escolas, das práticas de leitura e escrita, da educação moral e rígida dos pastores e professores foi possível construir uma cultura escolar própria e direcionada para fins religiosos na ênfase da religião nos currículos e o entrelaçamento entre igreja e escola. Ao mesmo tempo, havia dificuldades, e sem dúvida, resistências e conflitos. Uma prova disto é a disputa no espaço pelas três instituições religiosas neste contexto, comprovada pelos depoentes do estudo.

Referências

- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade lembrança de velhos**. 2ª ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas lingüísticas: o que falar e o que dizer**. São Paulo, USP, 1996.
- CHARTIER, Roger. **Formas e Sentido Cultura Escrita: entre distinção e apropriação**. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 2003.
- DREHER, Martin Norberto. **Igreja e Germanidade: Estudo Crítico da História da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil**. Porto Alegre: EST, 1984.
- GERTZ, René. **O Perigo Alemão**. 2ª ed. Porto Alegre, Universidade/ UFRGS:1998.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, nº 1, jan/jul, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Vértice Editora:1990.
- LUCENA, Célia. Tempo e espaço nas imagens das lembranças. IN: VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes (org.) **Os desafios Contemporâneos da História Oral**. Campinas: Editora do Centro de Memória, 1997, p. 223-266.
- NUNES, Clarice. Memória e história da educação: entre práticas e representações. IN: LEAL, Maria Cristina e PIMENTEL, Marília Araújo Lima (org.). **História e Memória da Escola Nova**. São Paulo, Loyola, 2003, p. 9-25.
- KREUTZ, Lúcio. **Material didático e currículo na escola teuto-brasileira do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo, Unisinos, 1994.

RAMBO, Arthur Blásio. Nacionalidade e Cidadania. IN: MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira. (org.). **Os Alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e cultura**. Canoas, ULBRA, 1994, p. 43-53.

REHFELDT, Mario L. **Um grão de mostarda: A História da Igreja Evangélica Luterana do Brasil**. Porto Alegre: Concórdia, 2003. v.1

SALAMONI, Giancarla. (coord) **Valores Culturais da Família de Origem Pomerana no Rio Grande do Sul-** Pelotas e São Lourenço do Sul. Pelotas: UFPEL, 1996.

SHARTZMANN, Simon; BOMENY, Helena e COSTA, Vanda. **Tempos de Capanema**. São Paulo, EDUSP, 1984.

STEYER, Walter O. **Os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul e o Luteranismo: a fundação da Igreja Evangélica Luterana do Brasil e o confronto com o Sínodo Rio-Grandense 1900-1904**. Porto Alegre: Singularart, 1999.

TEICHMANN, Eliseu. **Imigração e Igreja: As comunidades Livres no Contexto da Estruturação do Luteranismo no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Instituto Ecumênico de Pós Graduação, Tese de Mestrado, 1996.

THUM, Carmo. **Educação, História e Memória: silêncios e reinvenções pomeranas na Serra dos Tapes**. Programa de Pós-Graduação em Educação, Unisinos, São Leopoldo, 2009. Tese de Doutorado.

TRESSMANN, Ismael. **O pomerano: uma língua baixo saxônica**. In: [http:// www.farese.edu.br/pages/artigos/artigos.php](http://www.farese.edu.br/pages/artigos/artigos.php). Acessado em 19/09/2009.

WARTH, Carlos H. **Crônicas da Igreja: Fatos históricos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil: 1990- 1974)**. Porto Alegre: Concórdia S. A, 1979.

WEIDUSCHADT, Patrícia. **O Sínodo de Missouri e a educação pomerana em Pelotas e São Lourenço do Sul nas primeiras décadas do século XX: identidade e cultura escolar**. Pelotas: FAE/UFPEL, Dissertação de Mestrado, 2007.

*Recebido em novembro de 2013
Aprovado em fevereiro de 2014*